

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

ANGELINA DOS SANTOS ANGELIM

## **O CARVÃO NAS AULAS DE ARTES: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Tarauacá  
Dezembro - 2012

ANGELINA DOS SANTOS ANGELIM

## O CARVÃO NAS AULAS DE ARTES: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, pela modalidade Universidade Aberta do Brasil, da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadores: Belidson Dias, Rosalva Ieda Vasconcelos Guimarães de Castro, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira.

Co-orientadora: Rafaela de Sousa

Tarauacá  
Dezembro - 2012

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico aos meus pais, em especial à minha mãe Aurelina, que toda vida me deu forças para lutar pelo que acredito e em meus sonhos. Dedico ainda a meus filhos Hian e Kauã, que são toda a riqueza da minha vida e ao meu esposo Mirnison, pela paciência e compreensão.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter iluminado todos os meus pensamentos.

Aos meus pais Francisco Angelim e Aurelina Angelim, às irmãs Lilian e Liliane, pela força, valores e incentivo.

Ao esposo Mirnison do Ó, que me motivou a fazer o curso, aos filhos Hian e Kauã, que são a razão para nunca desistir.

À tutora Rafaela de Sousa, pela orientação e dedicação.

Aos orientadores Belidson Dias, Rosalva Ieda Vasconcelos Guimarães de Castro e Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, pela contribuição e paciência.

E, principalmente, à minha amiga Benedita Márcia, que nunca deixou que eu fraquejasse ou desistisse, minha eterna amizade e gratidão.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1. O CONTEXTO HISTÓRICO DAS ARTES VISUAIS .....	10
1.1 Como a arte era trabalhada pelos professores.....	11
1.2 A história do carvão.....	13
1.3 As potencialidades do carvão.....	15
2. OFICINA DE MANUFATURA DO CARVÃO .....	20
2.1 Composição do carvão.....	20
2.2 Estratégias Pedagógicas.....	21
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	27
REFERÊNCIAS .....	29
ANEXOS .....	30
Anexo A - Plano de Aula.....	30
Anexo B - Questionário.....	32

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Rinocerontes e cavalos da caverna Chauvet.....	14
Figura 2: Rinocerontes e cavalos da caverna Chauvet.....	14
Figura 3: Primeiro estudo para Cecília, 2007 .....	19
Figura 4: Sem título 1999.....	19
Figura 5: Vídeo da manufatura do carvão.....	22
Figura 6: Materiais para a manufatura do carvão.....	22
Figura 7: Oficina do Carvão produzido em sala de aula.....	23
Figura 8: Oficina do Carvão produzido em sala de aula.....	23
Figura 9: Carvão produzido em sala de aula.....	24
Figura 10: Desenho produzido em sala de aula.....	24
Figura 11: Desenho produzido em sala de aula.....	24
Figura 12: Desenho produzido em sala de aula.....	24

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, com o tema “O carvão nas aulas de artes: Implicações pedagógicas”, destina-se a apresentar, relatar e descrever o objetivo da utilização do carvão em sala de aula, bem como enfatizar a importância desse recurso no desenvolvimento de habilidades e competências trabalhadas nas aulas teóricas e práticas da disciplina de artes, dentro da perspectiva de um ensino-aprendizagem significativo e inovador.

O carvão vegetal é um elemento natural proveniente da queima de plantas, usado como composto para desenhos e pinturas. Quando aplicado diretamente ao papel seus efeitos são necessariamente diferentes e quando sobreposto tem a facilidade de livre acesso à correção de erros. Oferece intensidade e profundidade de composições de tons escuros e densos.

A investigação visa despertar nos alunos o interesse pelo desenho utilizando materiais disponíveis em seu cotidiano, através das aulas práticas de arte. Desse modo, o trabalho busca mostrar a manufatura do carvão, como também a confecção de desenhos a carvão, para desenvolver a criatividade e a percepção dos alunos. E para apresentar esses conceitos, tem-se como base as práticas de Atelier de Artes Visuais 2, em que foi disponibilizado um vídeo de Thérèse Hofmann Gatti (2009), que demonstra a manufatura dos bastões de carvão.

É de grande importância incluir nas aulas de arte o carvão, riquíssimo elemento natural, como fonte de pesquisa para os alunos do Ensino Fundamental II, uma vez que é uma oportunidade destes adquirirem conhecimento e aprendizado sobre esse pigmento natural existente na região. Assim, os alunos terão oportunidade de aprender tanto com a fundamentação teórica como através de oficinas práticas.

O que dificulta o ensino de arte nas escolas de ensino fundamental II em Tarauacá é a falta de materiais didáticos e práticos adequados e atualizados. Além disso, o acervo bibliográfico disponível não se relaciona com os conteúdos da atualidade, havendo poucos livros paradidáticos que abordam os conteúdos relacionados à arte. Ademais, muitos professores trabalham apenas as questões teóricas, não estando preparados para o desenvolvimento de aulas práticas, que realmente dêem sentido ao ensino de arte.

Nesse sentido, iniciou-se uma investigação na Escola Prof. José Augusto de Araújo, com o objetivo geral de possibilitar aos alunos do ensino fundamental II da referida escola conhecimentos sobre a manufatura do carvão, com vistas a explorar as potencialidades deste material para o desenvolvimento do potencial criativo dos educandos, criando oportunidades de expressão e manifestações artísticas nas aulas de arte.

A busca de subsídios e materiais concretos diversificados na realidade cotidiana é fundamental para enriquecer as aulas práticas de arte gerando, conseqüentemente, um ensino-aprendizagem qualificado no contexto escolar. Assim, buscando potencializar esse ensino, a escola poderá fazer uma busca no passado, através dos desenhos feitos a carvão, em que os alunos estariam realizando uma das primeiras técnicas existentes no período paleolítico, com a gravação de desenhos nas cavernas. Com a observação e utilização dessa técnica, os educandos desenvolvem a reflexão e são estimulados a se expressar criativamente.

Nesse contexto, faz-se necessário discorrer sobre como surgiu a ideia de inserir o trabalho com o carvão nas aulas de artes visuais dos alunos do ensino fundamental II. Percebeu-se, durante os estágios supervisionados em Artes Visuais 1, 2 e 3, que os alunos não se interessavam em trazer os materiais solicitados para as aulas práticas, uma vez que muitos não tinham condições para comprá-los. Por isso, pensou-se em utilizar materiais de baixo custo para que a prática se consolidasse. Para tanto, após revisar as aulas práticas da disciplina Atelier de Artes Visuais 2, chegou-se à conclusão de como seria conveniente introduzir o carvão na sala de aula, recurso material que foi utilizado pelos antepassados nas pinturas rupestres feitas nas cavernas e que permanecem até os dias atuais.

Durantes os estágios observou-se também, através dos relatos de professores que atuam nas escolas públicas com a disciplina de Arte, a falta de materiais didáticos e concretos para a realização das aulas, tanto teóricas como práticas, sendo muito difícil manter o diálogo entre a arte e a educação na escola, visto que as aulas se tornam pouco atrativas diante de tantas possibilidades e tecnologias fora do ambiente escolar, fazendo com que os alunos fiquem desmotivados diante do uso de metodologias tradicionais e pouco dinamizadoras.



Por isso, justifica-se a importância de estimular os alunos a produzirem seus próprios materiais e de desenvolverem a capacidade criativa em produções artísticas com o carvão, sendo estimulados ao ato criativo e, em contrapartida, se resgatando a relevância da história do desenho a carvão, ampliando, dessa forma, as possibilidades de adquirirem aprendizagem e conhecimentos relevantes com relação à arte.

A investigação baseia-se teoricamente nos autores Dulce Osinski, Ana Mae Barbosa, Luciana Mourão Arslan, Fayga Ostrower, Thérèse Hofmann Gatti e Maria Heloísa Ferraz, que discutem sobre o ensino da arte, a produção artística e técnica.

No decorrer dessa investigação, serão apresentados os seguintes tópicos:

O item 1, “O Contexto Histórico das Artes Visuais”, expôs os conceitos do ensino das artes visuais no âmbito escolar.

O item 1.1, “Como a arte era trabalhada pelos professores”, apresentou os problemas metodológicos do processo educativos em época passadas.

O item 1.2, “A história do carvão”, discorreu sobre o contexto histórico e as representações artísticas do homem paleolítico.

No item 1.3, “As potencialidades do carvão”, foi apresentada a proposta de trabalho, com base nos autores Thérèse Hofmann Gatti, Edith Derdyk e Maria Heloísa Ferraz, que discutem sobre o desenho, as formas artísticas e manufatura do carvão.

No item 2, “Oficina de manufatura do carvão”, foi descrito todo o processo desenvolvido na oficina em sala de aula.

O item 2.1, “Composição do Carvão”, abordou todos os materiais necessários para a produção do carvão.

No item 2.2, “Estratégias Pedagógicas”, foram apresentados os experimentos da manufatura do carvão, realizados pelos alunos através de desenhos.

No item 3, “Análise de Dados”, foram apresentados os resultados obtidos referentes à aplicação da atividade prática em sala de aula e do questionário (Anexo B).

Finalmente, nas considerações finais, analisou-se todo o andamento da investigação, apontando de forma significativa todas as questões observadas no decorrer da investigação.

## 1. O CONTEXTO HISTÓRICO DAS ARTES VISUAIS

O contexto histórico das artes visuais traz diversas fases que marcaram todo um processo histórico que abrange décadas e décadas. Partindo deste pressuposto, faz-se necessário relatar sobre o caminho que foi percorrido no ensino e que ainda se vai percorrer, inventando e reinventando a arte, que é longa e duradoura, pois a cada momento tentamos compreender a arte através de oportunidades do desenvolvimento artístico da história.

Como enfatiza Osinski,

O ensino como um todo passou a ser realizado no sentido de otimizar a utilidade social do ser humano. Inseridas num sistema de ensino tradicional e nada flexível, as disciplinas de desenho ofereciam pouquíssimas oportunidades de desenvolvimento do potencial criativo do ser humano (2002, p. 53).

O ensino de arte nas academias não era tão valorizado, os alunos não tinham liberdade de expressão e já recebiam os desenhos prontos para serem contornados ou coloridos determinando, assim, o seu efeito final. Dessa maneira, não havia expressão dos sentimentos e sim uma artificialidade nos métodos ligados ao ensino artístico.

Herbert Read afirma que

Em sua opinião, um dos erros do sistema educacional eram as fronteiras rígidas existentes entre as diversas formas do conhecimento, traduzidas em forma de disciplina. Propunha, por meio da educação pela arte, a preservação da totalidade orgânica do homem e de suas faculdades mentais, respeitadas as diversas fases do desenvolvimento humano (READ, Apud OSINSKI, 2001, p.91).

Dessa forma, Read tinha como meta a integração do conhecimento por meio da arte. Dizia ainda que “o objetivo de uma reforma do sistema educacional não é produzir mais obras-de-arte, mas pessoas e sociedades melhores” (1982, p. 79). Diante de tal afirmação, percebe-se que todos que estão ligados à arte estão sempre em busca de uma forma de valorizar essa prática e de se desvincular de práticas tradicionais, que nada contribuía para uma formação cidadã do indivíduo na construção de uma sociedade mais justa.

Como contextualizam Ferraz e Fusari

Nas aulas de arte das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estética mimética, isto é, mais ligada às cópias do “natural” e com apresentação de “moldes” para os alunos imitarem esta atitude estética implica a adoção de um padrão de beleza que consiste sobretudo em produzir-se e em oferecer-

se à percepção, ao sentimento das pessoas, aqueles produtos artísticos que se assemelham com as coisas, os seres, com os fenômenos de seu mundo ambiente (2001, p.27).

A arte, no âmbito institucional escolar, sofreu mudanças positivas, havendo um desenvolvimento da capacidade criadora através da contextualização, por meio do Movimento das Escolinhas de Arte (MEA). A partir daí, os arte-educadores procuravam “educar através da arte, para não fazer do outro um robô, mas educar para fazer dele um inovador do mundo, renovando-se, transformando-se.” (AZEVEDO, Apud BARBOSA, 2008, p.234). A forma de ensino nas escolas antes do surgimento do MEA era apenas fazer com que o aluno imitasse o que lhes mostravam, sem liberdade de criação. Após o MEA isso mudou, sendo incorporados novos modos de ensinar arte, que se fundamentavam na ideia da livre expressão, baseada no modernismo e reinventando, assim, a arte-educação.

Segundo Arslan e Iavelberg, “para melhor compreender as transformações no ensino de arte, vamos considerar três marcos conceituais: a escola tradicional, a escola renovada e a escola contemporânea” (ARSLAN, IAVELBERG, 2006, p, 02). A escola tradicional era orientada pela academia de belas artes; a escola renovada era incorporada a meios nada convencionais, experimentando a arte moderna com suportes como colagem e pintura, desenvolvendo o potencial criador; e na escola contemporânea ou construtivista predominava a valorização dos conteúdos, em que o aluno era o centro da aprendizagem, sendo incorporada a tecnologia nas atividades e o entrelaçamento entre as novas formas da construção do conhecimento. Em síntese, a escola renovada buscava a criação voltada para o trabalho em arte, mostrando que seria possível fazer arte a partir de outros materiais, como anilina, vela e outros.

### **1.1. Como a arte era trabalhada pelos professores**

Ao considerar os problemas metodológicos do ensino das Artes Visuais, pode-se ressaltar que era simplesmente imitação do que os alunos viam. Entretanto, com o passar dos anos esta realidade mudou, quando houve a necessidade de inserção de novas formas de ensinar a arte, criando-se uma prática de planejamento baseada em uma proposta curricular que procurava renovar a metodologia em relação aos conteúdos e à prática de educar e ensinar a arte. Tais mudanças

resultaram na aquisição de novos conhecimentos dentro do contexto cultural e social.

Sobre os procedimentos pedagógicos, Ferraz e Fusari (2001, p. 74) ressaltam que, “Os procedimentos pedagógicos que viabilizam o fazer artístico dos alunos e a relação com as manifestações estéticas são, por sua vez, definidores do processo e produto educativo nos curso de arte na escola”. Dessa forma, o educando pode entender o contexto histórico da arte e sua evolução, ampliando seus conhecimentos e aplicabilidade destes no meio social. Os autores, quando se referem às aulas de Arte, ainda acrescentam que

Em aulas de Arte (mais especificamente nas aulas de Música, Artes plásticas, Desenho, Teatro, Dança), espera-se que os estudantes vivenciem intensamente o processo artístico, acionando e evoluindo em seus modos de fazer técnico, de representação imaginativa e de expressividade. Ao mesmo tempo, espera-se que aprendam sobre outros autores, artistas, obras de arte, complementando assim seus conhecimentos na área (2001, p. 70).

Assim sendo, a proposta deste TCC apresenta uma nova perspectiva dentro das aulas práticas do ensino fundamental II, visto que a qualidade do ensino de arte está comprometida devido à falta de criatividade dos docentes no uso de elementos naturais e materiais de baixo custo ou de custo zero, uma vez que as escolas não dispõem de materiais adequados para as aulas teóricas e práticas de arte.

A partir desses preceitos, os usos de elementos naturais, como o carvão, cumprem a função básica e essencial de mediação no processo de ensino e aprendizagem, pois a comunicação entre o conteúdo, o elemento natural e o aluno deve ser mútua, estreitando a didática do conhecimento e tornando o aluno um conhecedor da arte visual.

Entretanto essa é uma questão que merece um olhar diferenciado, pois é visível a falta de valorização das aulas de artes, até mesmo pelos próprios professores, não havendo estímulos e ideias inovadoras por parte da escola e nem por parte dos alunos, uma vez que a arte é tratada como uma matéria sem importância. De fato, a escola não dispõe de materiais didáticos e pedagógicos para subsídios da matéria e nem busca adquirir um acervo de livros relacionados à arte para compor a biblioteca. E isso dificulta o trabalho do docente, além de que este não possui bases sólidas de conhecimentos por não ser, na maioria das vezes, formado na área de Arte.

Com efeito, essa desvalorização se demonstrava pela utilização da técnica de desenhos e de colagens que estavam diretamente ligadas à falta de criatividade, habilidade e conhecimento do que realmente seria a arte, e como consequência, resultou nos problemas adquiridos tanto por alunos quanto por professores do Ensino Fundamental II, no que diz respeito ao verdadeiro significado da arte em suas vidas. De acordo com Morris,

Se queremos ter uma escola artística viva, temos de encontrar a maneira de interessar o grande público em arte; a arte deverá se converter em parte de sua vida, algo que não se possa prescindir, da mesma maneira que não se pode prescindir da água ou da luz. (MORRIS, Apud OSINSKI, 2001, p.50).

Inquestionavelmente, para desenvolver a arte na escola, temos que estimular os educandos com técnicas e métodos práticos, mostrando-lhes a importância do fazer artístico dentro do contexto cultural em que estão inseridos.

Para tanto, busca-se a inserção de novas metodologias para se trabalhar a arte, usando materiais do cotidiano, em que os alunos possam ser criadores de suas obras artísticas e incentivados a observarem o mundo em sua volta, se apropriando de materiais de baixo custo, para que possam levar adiante os conhecimentos adquiridos, aprendendo a manufaturar seu objeto de trabalho artístico, como por exemplo o carvão, que é um elemento natural e riquíssimo para a produção e criação de desenhos trabalhando o grafismo.

É importante ressaltar que, em atividades dessa natureza, o educando aprende a compartilhar suas ideias e ouvir as dos outros, a dividir o direito de propriedade, passa a perceber que a concepção e a ação do outro podem contribuir para a aprendizagem de todos. Nesse sentido, torna-se realidade a frase de Paulo Freire (1987, p. 68), em que afirma que o “educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

Nesse sentido, cabe ao professor organizar e desenvolver suas aulas de forma teórica e prática, voltadas para uma aprendizagem que comporte aspectos artísticos, estéticos e históricos, de acordo com os conteúdos ensinados, de modo a construir e ressignificar o aprendizado, para que aconteça em meio à interação e o desenvolvimento de habilidades intelectuais nos alunos.

## **1.2. A história do carvão**

A história do carvão se remonta aos homens das cavernas, que descobriram o carvão por meio do domínio do fogo, através de ossos e madeiras carbonizados, como também a sua utilização como um instrumento de desenho e pintura. Com essa descoberta, surgiu a arte rupestre, que são representações artísticas que o homem paleolítico criou para expressar seu entendimento, seus desejos e manifestações de espírito, assim como quando o homem atual almeja algo planeja e constrói, o homem pré-histórico também já seguia a esses princípios. Ao mesmo tempo em que eram voltados para a caça de animais e manifestações espirituais, os antepassados traçavam a comunicação com o futuro através de suas pinturas, arte que hoje já se compreende melhor.

Sobre a história do carvão, Gatti, Castro e Oliveira afirmam que:

O carvão usado para técnica de desenho e pintura é certamente um dos materiais mais antigos. Sua história remonta aos homens das cavernas. Com o domínio do uso do fogo, nossos ancestrais descobriram o carvão e os ossos carbonizados, que foram provavelmente também os primeiros lápis conhecidos na pré história (2007, p.43).



Figura 1: Rinocerontes e cavalos da caverna Chauvet, na pitoresca região de Ardeche, no sul da França, são tão avançadas que alguns acadêmicos as datavam entre 12.000 e 17.000 anos atrás.



Figura 2: Rinocerontes e cavalos da caverna Chauvet, na pitoresca região de Ardeche, no sul da França, são tão avançadas que alguns acadêmicos as datavam entre 12.000 e 17.000 anos atrás.

Fonte: <<http://arquivosdoinsolito.blogspot.com.br/2012/05/arterupestre-de-caverna-francesa-e.html>>

No Brasil, em alguns estados como Santa Catarina, Bahia e Piauí ainda há incidência, em algumas cavernas, de arte rupestre, que foram desenhadas na antiguidade com o uso do carvão e sangue. As figuras acima mostram a expressividade dos desenhos e suas manifestações, pois o homem paleolítico representava através dos desenhos seus desejos e rituais de caça para obter o êxito merecido. Segundo pesquisas, os desenhos raramente encontravam-se fora das

cavernas ou próximos às suas extremidades onde pudessem ser destruídos, sempre estavam ocultos para uma melhor preservação.

De acordo com Gatti, Castro e Oliveira:

A natureza dos animais representados e as técnicas utilizadas tornam essas figuras excepcionais. O fato da reprodução da perspectiva, a esfumatura e o recorte serem pouco freqüentes na arte paleolítica, e estarem muito elaborados nas pinturas da caverna, impedia qualquer datação dos desenhos da gruta de Chauvet com base em critérios estilísticos. Por isso, foi importante a pesquisa através do carvão vegetal dos traços negros, o que permitiu a datação precisa com a ajuda da espectrometria de massa por acelerador. Hoje, a caverna de Chauvet é um dos sítios de arte rupestre com a maior quantidade de datações confiáveis no mundo. (2007, p.43).

Desse modo, o carvão foi utilizado para desenhos preparatórios, pois até o final do século XV não se conhecia os fixadores que iriam preservar o desenho. Logo depois, em Veneza, na Itália, pela primeira vez foram usados os fixadores em desenhos a carvão. A partir daí, o carvão passou a ser utilizado por artistas como Giovanni Francesco Barbieri Bologna (1591-1666) e Giacomo Cavedoni (1577-1660), que usaram o carvão umedecido no óleo para obter uma textura mais densa.

### **1.3. As potencialidades do carvão**

O carvão é um elemento natural importante para o ensino de arte, por isso seu estudo torna-se relevante, visto que proporciona um conhecimento básico das manifestações artísticas, como as pinturas rupestres, em que foram usados os primeiros elementos naturais e que são preservados até os dias atuais. Logo, ao considerar a arte rupestre como identidade, se traz a importância do contexto histórico que levou a sociedade primitiva a executar tais manifestações artísticas que tem cunho natural e que foram de grande relevância.

Com relação ao ensino da arte nas escolas, há diferentes visões que estão relacionadas à sociedade moderna, haja vista que há um confronto entre o que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o ensino da arte propriamente dito. Afinal, qual é seria o papel da arte na escola? Por que seus conteúdos não são levados a sério? Qual seria a contribuição da arte para as crianças e adolescentes no contexto educacional? São questões que provocam uma importante reflexão, levando-se em conta que, embora os professores tentem trabalhar com base nos PCNs, constata-se que ainda não ensinam arte de forma

adequada, ou seja, de forma dinâmica e inovadora. Ainda prioriza-se a teoria sobre a prática e, desse modo, o ensino da disciplina é descaracterizado, quando deveria possibilitar aos alunos conhecimentos artísticos, despertando neles o interesse, o empenho e o entusiasmo. Desse modo, vale ressaltar a importância de os professores terem uma formação específica na área do conhecimento em foco, pois na medida em que se deixa a desejar dentro do ensino da arte, se tira a oportunidade de interação do aluno e do desenvolvimento de capacidades artísticas primordiais para a sua formação e o seu futuro.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sob os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporânea. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal (BRASIL, 1997, p.61).

Com base nessa afirmação, os PCN também consideram que as técnicas e materiais são de grande relevância para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e que favorecem a necessidade de transformação integrada na prática criadora, dando suporte às representações da construção dos significados da expressão artística.

Por conseguinte, nessa proposta, procura-se entender um pouco do percurso artístico da arte, que começou na arte pré-histórica com a arte rupestre e indígena, levando-se em consideração as reflexões, conceitos, estudos realizados e elaborados sobre a trajetória da arte. Dessa maneira, o conhecimento da história da arte visual torna-se importante porque tem por função motivar práticas de estudo e manifestações da humanidade, caracterizando-se por análises históricas e críticas sobre as criações artísticas realizadas nas origens dos tempos.

Para Fusari e Ferraz,

O contato com a produção artística do período pré-histórico (tanto do Brasil e América Latina como de outros países) nos faz compreender processo artístico humano nas suas origens. Através das representações gráficas, pictóricas e esculturais que foram encontrados nos artefatos líticos, nas cerâmicas e principalmente na arte rupestre (desenhos, pintura e relevos feitos nas rochas) podemos acompanhar a evolução técnica e a procura de nexos formais, simbólicos e ritualísticos e nossos ancestrais (2001, p.121 e 122).

Analisando o desenvolvimento da história, observa-se que, desde os primórdios da humanidade já existia arte, através da arte rupestre, e que as



produções artísticas se davam por meio do desenho, pintura, gravura, dentre outros. Relativamente o desenho tem um ponto expressivo na história, pois é um elemento de visualidade. A propósito, o estudo da arte rupestre aponta o carvão como um dos primeiros elementos mais usados para desenho e pinturas na era das cavernas, onde os homens das cavernas desenvolviam o desenho como fonte ritualística e como representação e expressão de seus desejos e sentimentos.

Como afirmam Gatti, Castro e Oliveira,

Desde a pré-história, passando pela invenção da escrita, é necessário analisar e estudar a evolução dos materiais que serviram de suporte e de instrumento para a execução destas informações. Na história da evolução de escrita vemos a utilização de vários instrumentos como, por exemplo: lascas de pedra, galhos de árvores, ossos, carvão, varetas e metal e penas de aves (2007, p.13).

Em concordância com a afirmação de Gatti, Castro e Oliveira (2007), vale ressaltar que, com a evolução da história, o homem foi elaborando materiais e técnicas para a utilização da escrita, por meios de desenhos e pinturas, o que mostra que a prática artística auxilia o artista na compreensão do mundo no qual está inserido, facilitando assim sua percepção sobre as diferentes culturas e histórias.

Sobre as técnicas e materiais criados, Arslan e Iavelberg acrescentam que

Técnicas e materiais são criados em contextos culturais relacionados a modos de fazer arte. Por isso, é recomendável que o professor observe e investigue os novos materiais e técnicas que utiliza com frequência, como a frotagem, muito presente em propostas escolares de arte (2006, p. 64).

Essa assertiva traz reflexões que visam ampliar novos horizontes, uma vez que o professor precisa de técnicas e materiais para subsidiar as aulas práticas, pois hoje os alunos buscam o novo e estão atualizados com as novas tecnologias. Diante dessa premissa, abordar o desenho e o carvão como fonte de investigação, traz para a realidade a criatividade de tornar as aulas mais dinâmicas e participativas. E cabe ao professor estimular a criação dos alunos para que desenvolvam a capacidade de aprender e sejam capazes de atribuir significado ao que os rodeiam.

Segundo Fayga Ostrower

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados do modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (2008, p. 9).

Para atingir esse objetivo, essa investigação busca, através da utilização do carvão, incentivar os educandos a criar, formar, desenvolver segundo suas percepções, mostrando que o ato de criar se forma através de possibilidades e oportunidades de buscar novas manifestações artísticas dentro do ambiente escolar, com o intuito de trazer até o aluno a inovação para o saber artístico.

Assim sendo, percebe-se que ao valorizar os materiais alternativos dentro da sala de aula, contribui-se para a diversidade, pois aprender não abrange somente a produção artística, mas também a ampliação da percepção estética nas experiências vivenciadas.

Os artistas, ao expandir suas práticas artísticas, refletem sobre diversas áreas, investigam estratégias e métodos próprios para que sua criação possa obter um bom resultado, procurando, através de suas ideias, traduzir para o mundo a sua essência, interferindo como agentes transformadores e dando-lhe formas e significados.

Para entender melhor sobre atividades artísticas, Ferraz e Fusari relatam que “as atividades artísticas e estéticas dos artistas são igualmente resultados de determinantes sócio-culturais por eles apreendidos, conservados ou transformados” (2001, p. 107), ou seja, a ação criadora está relacionada a situações do cotidiano por eles vivenciadas ou aprendidas.

Diante do exposto, ressalta-se que o carvão, como material artístico, contribui para produções diretas de desenho e oferece uma facilidade de esfumatura e linha densa, desenvolvida em tons escuros e acinzentados, acrescentando aglutinantes que em sua composição tem a função de pigmento negro. Nas obras do artista Gil Vicente <sup>1</sup> o carvão se mostra de grande relevância, como ele relata:

O carvão é a que eu mais gosto, pela facilidade que oferece de se conseguir desde a mais fina linha até a mais complexa mancha. O carvão é seco, sem gordura, e permite operações de adição e subtração de material, podendo-se apagar quase tudo que foi feito e recomeçar. Isso deixa o artista tranquilo para ir e vir, para corrigir ou modificar o desenho. (OLIVEIRA, 2012).

---

<sup>1</sup> Gil Vicente Vasconcelos de Oliveira, 1958 vive e trabalha em Recife Disponível em: <[http://www.gilvicente.com.br/atelier/atelier\\_carvao.html](http://www.gilvicente.com.br/atelier/atelier_carvao.html)>. Acesso em: 12 nov. 2012.



Figura 3: Primeiro estudo para Cecília, 2007  
carvão sobre papel  
200 x 150 cm  
FONTE: <[http://www.gilvicente.com.br/atelier/atelier\\_carvao.html](http://www.gilvicente.com.br/atelier/atelier_carvao.html)>



Figura 4: Sem título 1999  
carvão sobre papel  
200 x 150 cm

Diante da afirmação do autor, fica clara a utilidade do carvão em desenhos, por ser de fácil manuseio para a criação de formas e por ser fácil de apagar. Por isso, proporciona ao artista a liberdade de fazer e refazer o que foi feito. Alguns artistas como Leonardo da Vinci também utilizavam o carvão para desenhos preparatórios, por sua característica de manejo.

## **2. OFICINA DE MANUFATURA DO CARVÃO**

### **2.1. Composição do carvão**

O carvão é produzido através do processo de carbonização de gravetos e caules de plantas como goiabeiras, roseiras, ingazeiras, dentre outras. A incineração é feita em baixa temperatura. As plantas, por sua vez, são compostas de oxigênio, hidrogênio e carbono, que concisamente são: celulose, hemicelulose e lignina, substâncias que, ao entrarem em contato com o aquecimento, se degradam e se tornam ricas em carbono e formando, por meio da lignina, o carvão. E nesse processo, se apresenta outros tipos de carvão: o carvão prensado, o lápis de carvão e o carvão comprimido, que é produzido com pigmentos e aglutinante.

#### **Orientações para o Preparo:**

##### **Materiais utilizados:**

- ❖ Gravetos, caules longos, uniformes e secos;
- ❖ Latas de ferros ou zinco com tampa do mesmo material e alça confeccionada de arame;
- ❖ Estiletes;
- ❖ Pregos e martelo;
- ❖ Pano molhado;
- ❖ Fogão ou fogueira.

#### **Modo de fazer:**

- ❖ Perfure toda a lateral da lata com prego utilizando o martelo, faça furos com distâncias de 1 cm, lembrando que não se deve furar a tampa e nem o fundo;
- ❖ Descasque os gravetos retirando toda a casca, procure retirar os nós. É importante que o graveto possua uma superfície regular, sem ondulação e pontas;
- ❖ Corte os gravetos de tamanhos iguais e de diâmetros similares;
- ❖ Coloque os gravetos da mesma espessura dentro da lata, de forma que fiquem em pé;
- ❖ Tampe a lata sem pressionar e leve ao fogo baixo;
- ❖ No processo de carbonização a primeira fumaça a sair da lata indica a perda de umidade dos gravetos, fique atento no momento da preparação. Quando a

fumaça parar de sair da lata é sinal que o carvão está pronto. O tempo máximo de carbonização dos gravetos é de 30 minutos, podendo variar de acordo com a espessura dos gravetos, tipo de madeira e sua unidade. Os gravetos mais secos carbonizam mais rápidos.

Para o ensino de arte o carvão tem um excelente resultado, apresenta em sua utilidade o jogo de luz e de sombra e é ótimo para fazer esboços e desenhos, oferecendo uma textura negra e uniforme, dependendo do traço e da madeira utilizada. Desse modo, ao se desenhar com o carvão, obtém-se um aspecto aveludado que oferece uma grande esfumatura. Sua aparência é acinzentada e permite fazer correções.

## **2.2. Estratégias Pedagógicas**

De acordo com as informações levantadas durante a investigação em questão, se fez necessária a realização da Oficina de manufatura do carvão na sala de aula, para constatação de que os materiais alternativos são uma das várias possibilidades de desenvolvimento da criatividade relacionadas a materiais do cotidiano e de baixo custo. A aula teve como foco trabalhar a manufatura do carvão, bem como introduzir a atividade prática de desenho nas aulas de arte.

A oficina foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. José Augusto de Araújo, nos dias 25 e 26 de outubro de 2012, na turma do 8º ano “B”, no período vespertino, com duração de 1 hora/aula em cada dia. A turma era formada por 24 alunos, com faixa etária de 13 a 15 anos de idade. Essa turma escolhida para a aplicação do projeto mostrou-se uma turma participativa e atuante durante todo o desenvolvimento da oficina, sendo fotografados vários momentos de aprendizagem dos alunos para comprovação e análise de dados.

Para o desenvolvimento da oficina, foi necessário fazer uma visita à escola e à equipe gestora para apresentar a proposta de trabalho que surgiu da investigação sobre o carvão. Em seguida, houve uma conversa com o professor Francisco Erivan da Silva e os alunos da referida turma, momento em que foi exposto a eles o objetivo da oficina, que consistia em possibilitar conhecimentos sobre a manufatura do carvão, bem como explorar as potencialidades deste material para o

desenvolvimento do potencial criativo dos educandos, criando oportunidades de expressão e manifestações artísticas através do desenho nas aulas de arte. Na oportunidade, foi pedido aos alunos que trouxessem gravetos de goiabeira, ingazeira e roseiras, para que fosse possível a realização da oficina na aula seguinte.

### **Primeira aula**

1º passo: Foi realizada uma conversa informal sobre o carvão, para colher conhecimentos prévios acerca do assunto. Logo em seguida, os alunos assistiram ao vídeo “Carvão”, da professora Thérèse Hofmann<sup>2</sup>, com duração de 09h59 minutos, disponibilizado na disciplina Atelier de Artes Visuais 2, que expunha sobre a fabricação do bastão do carvão vegetal, explicando passo a passo como fazer o bastão do carvão.

2º passo: Após a apresentação do vídeo, foi exposta para a turma uma panela confeccionada a partir da disciplina de Atelier de Artes Visuais 2, com os seguintes materiais: lata de alumínio, prego, arame e martelo, dando a forma final à panela para a manufatura. Além disso, foi utilizada uma espiriteira (fogão) a álcool.

3º passo: Foram formados seis grupos de quatro componentes. Cada grupo disponibilizava de materiais como estilete e gravetos. Cada grupo cortou e descascou seus gravetos, todos de uma mesma espessura. Logo após juntou-se todos os gravetos e destes foram colocados na panela, que foi levada ao fogo. O tempo de preparação do carvão foi de trinta minutos.



**Figura 5: Vídeo da manufatura do Carvão**

Fonte: ANGELIM, Angelina dos Santos, 2012



**Figura 6: Materiais para a Manufatura do Carvão**

Fonte: ANGELIM, Angelina dos Santos, 2012

---

<sup>2</sup> Professora do Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. Mestre em Arte pela Universidade de Brasília. Vídeo “Carvão” disponibilizado na disciplina Atelier de Artes Visuais 2.



Figura 7: oficina do carvão produzida em sala de aula.

Fonte: ANGELIM, Angelina dos Santos, 2012



Figura 8: oficina do carvão produzida em sala de aula.

Fonte: ANGELIM, Angelina dos Santos, 2012

4º passo: Após o carvão estar pronto e acabado, os alunos observaram o resultado final do produto, ficando para a próxima aula a parte prática do desenho e a aplicação do questionário (ANEXO B).

### **Segunda aula**

1º passo: Depois da manufatura do carvão, foi perguntado aos alunos se tinham conhecimento dos desenhos a carvão ou se conheciam algum artista que trabalhava com esse material. Como esperado, a resposta foi negativa. Eles apenas comentaram que tiveram acesso a um carvão já manufaturado.

2º passo: Então, foi exposto à turma que existem vários artistas que trabalham com a técnica do carvão, podendo-se destacar o artista brasileiro Gil Vicente. Sequencialmente foi dado início ao desenho a carvão.

3º passo: Para a confecção dos desenhos foi entregue aos alunos papel vergê e os carvões. Então, foi decidido que os desenhos fossem de caráter livre, ou seja, de livre expressão. Ao término dos trabalhos, os alunos fizeram uma breve exposição e uma pequena reflexão, em que relataram a natureza da expressão de seus sentimentos expostos nos desenhos.

4º passo: Para a avaliação da oficina, foi aplicado um questionário objetivo, que se encontra no Anexo B deste trabalho, contendo quatro questões, para que os alunos pudessem avaliar a aula e a atividade desenvolvida com o carvão.

No término do questionário foram feitos os agradecimentos pela colaboração, empenho, compreensão e dedicação de todos na realização da atividade prática.



Figura 9: carvão produzido em sala de aula.

Fonte: ANGELIM, Angelina dos Santos, 2012



Figura 10: desenho produzido em sala de aula.

Fonte: ANGELIM, Angelina dos Santos, 2012



Figura 11: desenho produzido em sala de aula.

Fonte: ANGELIM, Angelina dos Santos, 2012



Figura 12: desenho produzido em sala de aula.

Fonte: ANGELIM, Angelina dos Santos, 2012



### 3. ANÁLISE DOS DADOS

A investigação demonstrou que a busca de materiais do cotidiano é de grande relevância para a disciplina de arte, pois refletem um universo de possibilidades de vários manuseios, apresentando relações positivas no uso pedagógico.

O referido trabalho mostrou que os alunos estão aptos a desenvolverem atividades praticas, mas que ainda precisam de técnicas e suporte que utilizem materiais alternativos do cotidiano.

Ao inserir o trabalho que relacionou o carvão com as aulas de arte, pôde-se perceber que os alunos demonstraram empenho na realização das atividades, pois na maioria dos casos eles constituíram uma expressiva expectativa, por ser um tema que estabelece uma relação com arte, trazendo benefícios de se trabalhar com o carvão como material artístico. Dentro dessa concepção, pode-se ressaltar que os alunos se identificaram com o carvão e os desenhos que foram produzidos a partir desse material natural.

Estas constatações se evidenciaram através do questionário aplicado aos alunos após a atividade em sala de aula, instrumento em que expressaram sua opinião sobre o carvão.

Na questão sobre o estudo do carvão nas aulas de arte, dos 24 alunos, 15 responderam ser muito interessante conhecer a manufatura do carvão e 09 responderam que foi bom.

Com referência aos benefícios em trabalhar com o carvão como material artístico, de 24 educandos, 18 afirmaram ser interessante, pois se tratava de uma matéria-prima barata, outros 06 responderam que foi bom.

Quando questionados se gostariam de estudar sobre o carvão nas aulas de artes, do total de 24 discentes, 22 responderam que sim, levando em consideração ser uma aula diferenciada e 02 acharam a experiência boa.

Com relação ao que acharam de desenhar com o bastão de carvão, dos 24 alunos entrevistados, 10 disseram que foi interessante, haja vista não conhecer o carvão e ser algo totalmente novo para eles e um total de 14 alunos disseram achar boa a experiência.

Em síntese, ao se introduzir o carvão nas aulas de arte, se relacionou a prática e a teoria de forma diferenciada e dinamizadora, aproveitando assim a opção

de materiais de baixo custo e materiais do dia-a-dia, com vistas a educar através da arte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a discutir a importância da utilização do carvão nas aulas de arte no Ensino Fundamental II e, durante todo o processo de pesquisa, percebeu-se que na Escola Prof. José Augusto de Araújo os professores não trabalham com esses recursos naturais e técnicas variadas em suas metodologias de ensino, não relacionando teoria e prática de forma dinâmica e criativa e desconsiderando, de maneira geral, que as artes são fundamentais no meio educacional para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Com a realização deste trabalho de investigação, com o tema “O carvão nas aulas de artes: Implicações pedagógicas”, pode-se afirmar que os objetivos almejados, destinados a descrever a utilização do carvão em sala de aula, bem como enfatizar a importância desse recurso no desenvolvimento de habilidades e competências trabalhadas nas aulas teóricas e práticas da disciplina de arte foram alcançados, visto que despertou nos alunos, através da oficina prática, o interesse pela disciplina estimulando-os a conhecer a história do carvão, a manufatura do bastão do carvão, possibilitando-lhes a livre expressão por meio de desenhos, aproveitando a criatividade e a diversidade no uso de materiais alternativos. Ademais, conscientizou os professores da necessidade de utilização de métodos e técnicas diversificadas para aprimorar o ensino-aprendizagem de arte, com a efetivação de aulas dinâmicas e atrativas, para aproximar os educandos do conhecimento.

Ao ensinar os educandos a manufaturar o bastão do carvão, refletiu-se sobre a dificuldade encontrada na compra de alguns materiais, principalmente quando se trata de material para as aulas práticas, como tintas e outros materiais que custam um preço elevado para as condições financeiras dos alunos. Desse modo, a alternativa de trabalhar com materiais do cotidiano e recursos naturais se encaixou em inúmeras perspectivas, sendo possível introduzir uma diversidade de materiais e formas de criar para desenvolver uma produção artística.

Mediante os fatos expostos durante o trabalho de investigação, pode-se refletir sobre a importância de proporcionar e permitir aos educandos uma nova forma de enxergar a arte, por meio de aulas práticas, pois se sabe que a arte apresenta muitas possibilidades de produções teórico-práticas.

De tal modo, no processo de aprendizagem todos precisam aprender a aprender, tanto o professor como o aluno, que vai levar o conhecimento ao longo de sua vida e que precisa de um desenvolvimento contínuo de aprendizagem, para aumentar suas habilidades e competências. Todavia, vale ressaltar a necessidade de mudança ou adequação da proposta curricular de arte, com vistas à utilização de estratégias diferenciadas para a obtenção de um ensino de qualidade.

Em conclusão, constatou-se que a prática adequada do ensino de arte na escola não tem se consolidado devido à falta de profissionais capacitados e à carência de materiais, importantes ferramentas pedagógicas para se trabalhar, além da falta de compreensão por parte dos educadores da necessidade de utilização de matéria-prima natural nas aulas práticas, haja vista que se trata de uma área do conhecimento em que o educando necessita aprender de modo significativo, interpretando, refletindo e sendo capaz de contextualizar a arte como produção social e histórica.

## REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão e IAVELBERG, Rosa. **O Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARBOSA, Ana Mae Tavares (org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Ensino Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1997.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. Ferraz; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 37 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, Thérèse Hofmann, **Materiais em artes: manual para manufatura e prática** / Thérèse Hofmann Gatti, CASTRO, Rosana e OLIVEIRA, Daniela. Brasília: Secretaria de Estado de Cultura do DF: Fundo da Arte e da Cultura – FAC, 2007.

OLIVEIRA, Gil Vicente Vasconcelos. **Imagens de desenhos a carvão**. [on-line] Disponível em: <[http://www.gilvicente.com.br/atelier/atelier\\_carvao.html](http://www.gilvicente.com.br/atelier/atelier_carvao.html)>. Acesso em: 12 nov. 2012.

OLIVEIRA, Gil Vicente Vasconcelos. **Depoimento do artista**. [on-line] Disponível em: <[http://www.gilvicente.com.br/atelier/atelier\\_carvao.html](http://www.gilvicente.com.br/atelier/atelier_carvao.html)>. Acesso em: 12 nov. 2012.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, História e Ensino – uma trajetória**. São Paulo: Cortez 2002.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 22.ed. Petrópolis: Vozes, p.9. 2008.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

## **ANEXOS**

### **ANEXO A - Plano de Aula – Oficina de manufatura do carvão**

**Data:** 25 e 26/10/2012

**Série/turma:** 8º “B”

**Carga horária:** 2 horas aula

#### **Conteúdo:**

- Produção do bastão do carvão vegetal.
- Produção artística do aluno com o carvão vegetal.

#### **Objetivos gerais:**

- **Possibilitar conhecimento e aprendizagem sobre o carvão, nos alunos do ensino fundamental II.**

#### **Objetivos específicos:**

- Conhecer a história do carvão;
- Produzir desenhos usando a criatividade dos alunos;
- Estimular a produção de materiais alternativos;
- Conhecer a manufatura do carvão.

#### **Procedimentos:**

Conversa explicativa sobre a origem do carvão e suas primeiras representações utilizadas pelos homens da caverna; mostrar o vídeo sobre a manufatura do Carvão Vegetal; atividade prática da produção do carvão produzido pelos alunos; atividade de desenho a mão livre da produção artística dos alunos e aplicação do questionário sobre a aula.

#### **Metodologia:**

- Colher conhecimentos prévios sobre o carvão e as pinturas dos homens das cavernas;
- Vídeo explicativo sobre a manufatura do carvão;

- Orientação para a produção dos bastões em carvão;
- Produção artística de desenhos;
- Aplicação do questionário.

**Recursos:**

Televisão, DVD, espiriteira a álcool (fogão), lata em alumínio, gravetos de goiabeira, gravetos de plantas, estiletes, papel vergê, e bastões de carvão vegetal.

## ANEXO B – Questionário

### Questionário

1. O que você achou de conhecer e estudar o carvão?
  - Muito interessante<sup>3</sup>, eu não conhecia a manufatura.
  - Bom
  - Ruim, não vejo necessidade de saber sobre o carvão
  
2. Quais os benefícios de trabalhar com o carvão como material artístico?
  - Muito interessante, pois é barato.
  - Bom
  - Ruim, não vejo benefício nenhum sobre o carvão
  
3. Você gostou de estudar o carvão nas aulas de artes?
  - Sim, é uma aula diferenciada.
  - Bom
  - Não, não vejo necessidade estudar o carvão
  
4. O que achou de desenhar com o bastão em carvão?
  - Muito interessante, eu não conhecia o carvão.
  - Bom
  - Ruim, não gostei do carvão.

---

<sup>3</sup> Ao analisar o questionário, percebi um equívoco nas respostas o certo seria ótimo, bom e regular.